

# A HISTÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO DOS SURDOS: UMA ANÁLISE DO PASSADO ATÉ OS DIAS ATUAIS

Clarice Karen de Jesus<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 79500-000, Paranaíba – MS, Brasil

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de relatar o percurso histórico da educação de surdos no passado até os dias atuais no Brasil e no mundo, baseado nos artigos e livros que tratam dessa temática, com base na revisão da literatura da área. Aborda como foi o surgimento do modelo educacional que permitiu que os sujeitos surdos fossem considerados aptos a aprender, pois ao longo da história foram considerados incapazes de realizar atividades consideradas normais devido a deficiência. Outro aspecto discutido será como surgiu esse modelo de educação de surdos no Brasil, quais foram os direitos e as conquistas da comunidade surda. Será abordado também o conceito de sujeito surdo, com o objetivo de debater a problemática que envolve a inclusão do aluno surdo no ensino regular, esse artigo propõe analisar os aspectos envolvidos na educação e no ensino de surdos ao longo dos anos.

**Palavras-chave:** Educação. Ensino. Inclusão. Bilinguismo. Educação de surdos.

## ABSTRACT

This article aims to describe the historical background of deaf education in the past to the present day in Brazil and in the world, based on the articles and books that address this theme, based on the area of literature review. It discusses how was the emergence of the educational model that allowed deaf people were considered ready to learn, because throughout history they were considered unable to carry out activities considered normal due to disability. Another aspect discussed is how did this deaf education model in Brazil, what were the rights and achievements of the deaf community. Will also be discussed the concept of the deaf subject, in order to discuss the problems involving the inclusion of deaf students in mainstream education, this article aims to analyze the aspects involved in education and teaching deaf over the years.

**Keywords:** Education, Teaching, Inclusion, Bilingualism, Deaf education

## 1 INTRODUÇÃO

A história da educação da pessoa com deficiência é marcada pela exclusão social. Jannuzzi (2004), afiança que há 400 anos atrás, na época em que somente 2% da população

era escolarizada, a educação do deficiente praticamente não existia. A educação deles era voltada para uma educação baseada na aprendizagem de trabalhos manuais, objetivando a subsistência deles para que no futuro não dependessem do auxílio do Estado. Esse conceito de medicalização da deficiência perdurou até meados de 1930 quando foi gradativamente substituído pela pedagogia e psicologia.

Durante muitos anos os alunos surdos ficavam nas “salas especiais” dentro das escolas regulares ou frequentavam escolas especiais. Com o passar do tempo foram incluídos nas classes comuns, porém sem o auxílio que necessitavam para desenvolver a aprendizagem efetiva.

Para Lacerda (2007, p. 4),

Quando se opta pela inserção do aluno surdo na escola regular, esta precisa ser feita com muitos cuidados que visem garantir sua possibilidade de acesso aos conhecimentos que estão sendo trabalhados, além do respeito por sua condição linguística e por seu modo peculiar de funcionamento. Isso não parece ser fácil de ser alcançado e, em geral vários desses aspectos não são contemplados. A criança, frequentemente não é atendida em sua condição sócio – linguística especial, não são feitas concessões metodológicas que levem em conta a surdez, o currículo não é repensado visando incorporar aspectos significativos à ótica da pessoa surda, culminando com um desajuste sócio – educacional.

No Brasil, a inclusão foi influenciada por dois eventos educacionais que discutiram o fracasso escolar. O primeiro evento foi a Conferência Mundial de Educação para Todos, que ocorreu na Tailândia em 1990. Esse evento destacou a importância dos serviços que atendessem aos alunos, tanto considerados normais, quanto aqueles com necessidades especiais.

O segundo evento foi a Conferência de Salamanca, que ocorreu em 1994, na Espanha. O principal objetivo foi desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, centrado no aluno, que possa oferecer oportunidade de aprendizagem a todos. De acordo com a declaração de Salamanca, estabelecida durante a conferência, qualquer aluno que apresentasse dificuldades em sua escolarização seria considerado com necessidades educativas especiais, e cabe a escola adequar – se as dificuldades de cada aluno.

A Constituição Federativa do Brasil de 1988, artigo 208, define que o atendimento aos deficientes deve ser dado, preferencialmente, na rede regular de ensino. Além disso, a Lei de diretrizes e Bases (LDB), de 1996 prevê que a educação seja a mais integrada possível, propondo a inclusão dos alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino.

Para que os surdos sejam incluídos em classes comuns é fundamental que: os professores estejam preparados para atender as necessidades educacionais desses alunos; ter o auxílio do intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais); apoio das salas de recursos, que atendam os alunos no período oposto ao que estudam.

Quando se fala em inclusão de alunos surdos muitos professores imaginam que é a função do intérprete ensinar e ajudar o aluno a desenvolver as atividades e acabam se esquivando de sua obrigação educacional. Filietaz (2008), salienta que o papel do intérprete deve ser bem delimitado, pois muitas vezes suas funções não são claramente definidas. Apesar da função do intérprete ser apenas interpretar, alguns professores, por falta de conhecimento sobre a questão da interpretação, acabam de forma equivocada atribuindo a responsabilidade de explicar os conteúdos, além de traduzir as aulas. Apesar de poucos intérpretes terem formação pedagógica para isso.

Lacerda (2007, p. 5) afirma que:

Quando se insere um Intérprete de Língua de Sinais na sala de aula abre – se a possibilidade do aluno surdo poder receber a informação escolar em sinais, através de uma pessoa com competência nessa língua. Contudo, é preciso que se leve em consideração (especialmente na realidade brasileira) que, a presença da Língua de Sinais não é garantia de que a criança surda aprenda facilmente os conteúdos, porque nem sempre ela conhece essa língua, ou possui interlocutores capazes de inseri – la nesse universo lingüístico.

## **2 PERCURSO HISTÓRICO DA ESCOLARIZAÇÃO DO SURDO**

O aluno surdo apresenta condições de construir seu conhecimento, uma vez que estiver psicologicamente bem e “aberto” a receber informações do meio no qual está inserido. Há algumas décadas a inclusão começou a ser discutida, a proposta inicial foi incluir todos os alunos com qualquer distúrbio ou deficiência. A educação dos surdos já passou por inúmeras

fases, o primeiro estudioso que descobriu que os surdos podiam aprender foi Girolamo Cardano (1501 – 1576), ele chegou a conclusão que a escrita poderia representar os sons da fala ou ideias do pensamento, dessa forma a surdez não era um obstáculo para que os surdos aprendessem.

Na antiguidade não havia a preocupação em ensinar todos os surdos, só eram ensinados os surdos filhos de ricos e nobres com o objetivo que posteriormente tivessem algum conhecimento para que no futuro continuassem com a administração dos bens familiares. Como a preocupação era somente educar os surdos ricos, os surdos pobres acabavam tendo que perambular pelas ruas. Então o abade L' Epée que conseguiu mudar a história da educação dos surdos, reuniu esses surdos e começou a ensinar – los, formando a primeira escola para surdos.

Pedro Ponce de León, um monge espanhol, considerado o primeiro professor de surdos da história, geralmente ele ensinava filhos de nobres, seus alunos eram ensinados a falar, escrever, ler, fazer contas, orar e confessar – se pelas palavras, para que herdassem os títulos e as propriedades da família, já que os mudos não tinham esses direitos. Não se tem muita informação dos métodos de León, sabe – se que ele utilizava o alfabeto manual, no qual cada letra correspondia a uma configuração de mão.

Em outros países da Europa a educação de surdos também recebia atenção especial, principalmente em famílias bem abastadas, que pagavam um preceptor para ensinar seus filhos surdos. Na Inglaterra por volta de 1650, dois homens se interessaram pelos surdos: o reverendo William Holder, que concentrou seu trabalho de ensino na fala e o reverendo John Wallis, que fazia uso do alfabeto manual para pronunciar as palavras em inglês e ensinar a escrita e a fala aos surdos. Wallis é considerado o pai do método escrito na educação de surdos.

Na segunda metade do século XVII, o escocês George Dalgarno (1626 – 1687) percebeu que os surdos tinham o mesmo potencial que os ouvintes para aprender e poderiam alcançar níveis de desenvolvimento se recebessem educação adequada, ele que desenvolveu a datilologia, que é o mesmo alfabeto manual usado até hoje na Grã – Bretanha. No século XVIII, houve um aumento do interesse pela educação dos surdos, e diferentes métodos de ensino foram divulgados.

Em 1750, na França, o abade Charles Michel de L' Epée começou a ensinar duas irmãs surdas a falar e a escrever. A intenção principal dele era dar atendimento prioritariamente aos surdos que viviam nas ruas. Ele andava pelas ruas de Paris e aprendeu com os surdos a língua de sinais e criou os Sinais Metódicos, uma combinação da Língua de Sinais que ele considerava incompleta – com a gramática da língua oral francesa e com o alfabeto digital. Ele foi o primeiro a considerar que os surdos tinham uma língua. Devido ao grande sucesso de seu método, pela primeira vez na história, os surdos foram capazes de ler e escrever, adquirindo uma instrução.

Nessa mesma época na Alemanha, Samuel Heinicke propôs uma filosofia de ensino para os surdos que, mais tarde passou a ser considerado o início que ficaria conhecido como método oral. Essa metodologia utilizava – se somente da linguagem oral na educação. Durante o século XVIII, considerado o período mais fértil da educação dos surdos, além do aumento de escolas, a língua de sinais passou a ser empregada por professores surdos, isso foi uma grande conquista.

Durante muitos anos diferentes métodos foram desenvolvidos, algumas pessoas eram contra a utilização dos sinais e a favor da utilização da fala e vice – versa. Em 1880, no Congresso Internacional de Milão, houve uma votação para escolher qual era o melhor método para utilizar na educação de surdos, o oralismo venceu e a Língua de Sinais foi proibida. Após esse evento, a metodologia oral passou a ser utilizada em todas as escolas para surdos, destacando – se a prática terapêutica da fala.

O objetivo do oralismo sempre foi a fala, essa meta iniciou – se no século XVI com a idéia de um homem, Ponce de León, de que a fala poderia ser ensinada aos surdos, e em seguida foi plagiada por Bonet, copiada por Pereire, Walis, Heinicke e Braidwood. A mesma ideia plagiada, publicada, traduzida, citada, mas sempre a mesma ideia, ou seja, a única prática possível para “corrigir a anormalidade” e evitar a manifestação das diferenças, consistia em obrigar os surdos a falar como os ouvintes e, conseqüentemente, impedir-lhes o uso da língua de sinais.

Essa posição caracteriza uma concepção clínico - terapêutica da surdez. Segundo Skiliar (1997), medicalizar a surdez significa tentar curar o problema auditivo, corrigir os defeitos da fala e treinar certas habilidades, como a leitura labial e a articulação, sem fazer o uso da língua de sinais, porque esta poderia impedir o desenvolvimento da linguagem oral.

Essa concepção produziu verdadeiras privações sociais, emocionais e psicológicas na vida das pessoas surdas, uma vez que propunha que somente por meio da fala é que as crianças surdas poderiam se tornar cidadãs em uma sociedade ouvinte. O oralismo dominou o mundo até a década de 1960 até que William Stokoe, lingüista americano da Universidade de Gallaudet, publicou o artigo: “A estrutura da Língua de Sinais: o perfil de um sistema de comunicação visual dos surdos americanos”, demonstrando que a Língua de Sinais Americana era uma língua com todas as características das línguas orais. Com base nessa publicação surgiram vários estudos e pesquisas sobre as línguas de sinais e sua aplicação na educação de crianças surdas.

Nos anos 1970, devido à grande insatisfação com os resultados do oralismo e as pesquisas sobre pais surdos com filhos surdos, passou a ser adotada uma filosofia definida como “comunicação total”, que propunha o uso dos gestos naturais, da Língua de Sinais, do alfabeto manual e das expressões faciais. Foi no final da década de 70, nos Estados Unidos, que começou um movimento de reivindicação pela língua e cultura das minorias linguísticas, sendo os surdos considerados membros de uma sociedade minoritária que utiliza um idioma próprio, a língua de sinais. Os surdos passaram a reivindicar o direito de usar a língua de sinais como primeira Língua (L1) e de aprender a língua majoritária como segunda língua (L2).

Para Skliar (1997, p.145), [...] a experiência prévia com uma língua contribui para a aquisição da segunda língua, dando à criança as ferramentas heurísticas necessárias para a busca e a organização dos dados linguísticos e o conhecimento, tanto geral como específico, da linguagem [...].

### **3 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL**

No Brasil a educação de surdos teve crescimento em 1857, Ernest Huet, um professor surdo francês inaugurou no Rio de Janeiro o primeiro Instituto Nacional de Surdos (Ines). Em 1991, seguindo a tendência mundial, o Ines estabeleceu que o método oral puro fosse adotado em todas as disciplinas da escola, esse método não obteve grandes resultados, nessa mesma época a diretora da escola Ana Rimola de Faria Doria proibiu oficialmente a

língua de sinais na sala de aula. Segundo Vieira apud Guarinello (2007), apesar das proibições a língua de sinais sempre foi usada pelos alunos às escondidas.

No final da década de 1970 a comunicação total passou a ser utilizada no Brasil, e na década de 1980, com base nas pesquisas da linguista Lucinda Ferreira Brito, começou a estudar sobre a Língua de Sinais. Depois dessa breve história sobre a educação de surdos no Brasil e no mundo, por todas as lutas e conquistas, por concluir que o surdo não é incapaz de aprender, mas necessita utilizar uma Língua própria que o auxilie na aprendizagem.

A proposta bilíngue para a educação de surdos propõe a tornar o conteúdo do contexto escolar acessível à criança surda, algumas pesquisas tem demonstrado que essa é a proposta mais adequada, pois a Língua de Sinais é natural e a Língua Portuguesa é uma segunda língua. As pessoas surdas adquirem a Língua de Sinais através do contato que tem com usuários fluentes dessa língua.

De acordo com Quadros (2008, p. 47),

Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema lingüístico que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal – auditivo, mas o canal espaço – visual como modalidade lingüística.

O bilinguismo dentro do ambiente escolar deve ser simultâneo, pressupõe – se que a maioria dos surdos já sabe ou está aprendendo a Libras. Na escola a língua majoritária é utilizada pela maioria das pessoas e a Língua de Sinais é utilizada pelos intérpretes e pelos surdos, não fazendo parte do conhecimento da maioria dos professores e dos outros profissionais dentro da escola. As traduções das aulas são simultâneas, ou seja, os professores ministram as aulas em Língua Portuguesa e os intérpretes traduzem para os alunos surdos na língua de sinais.

Segundo Guarinello (2007, p. 48):

[...] para que as crianças surdas venham a adquirir a língua de sinais como primeira língua é necessário que elas sejam expostas a usuários competentes dessa língua, ou seja, adultos surdos fluentes, que vão responder tanto pela exposição como pelo ensino da gramática para as crianças e seus pais, que, em 95% são ouvintes, “para as crianças surdas que nascem em famílias ouvintes, a educação bilíngüe começa somente dentro da escola”.

Muitos avanços foram conquistados no que se refere a educação de surdos, a proposta bilíngüe é muito importante, pois inclui os surdos no ambiente escolar. Para Quadros (2008, p. 40):

O reconhecimento da pessoa surda enquanto cidadã integrante da comunidade surda com o direito de ter assegurada a aquisição da língua de sinais como primeira língua; o uso da língua de sinais na escola para garantir o desenvolvimento cognitivo e o ensino de conhecimentos gerais; o ensino da língua oral – auditiva com estratégias de ensino de segunda língua e a inclusão de pessoas surdas nos quadros funcionais da escolas.

A lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 regulamentou a Libras e a reconheceu como meio legal de comunicação e expressão. Também a lei nº 10.098 cap. XVII art.18, de 19 de dezembro de 2000 ofereceu suporte para que os profissionais pudessem se especializar a fim de que facilitassem a comunicação direta à pessoa com de deficiência.

#### **4 O SUJEITO SURDO**

A criança surda não adquire linguagem de modo natural, como acontece com a pessoa ouvinte, porque alguns fatos biopsicológicos ou ambientais se encontram afetados. O trabalho de linguagem com o surdo deve ser desenvolvido de forma a dar a ele instrumentos linguísticos que torne capaz de se comunicar, valendo-se das atividades de imitação, jogo simbólico, desenho, escrita e fala.

É importante ressaltar que o aluno surdo não aprende a se comunicar com a mesma facilidade dos alunos ouvintes, porque a linguagem é um instrumento de interação pessoal e social, que auxilia na comunicação e capacita o ser humano no desempenho da comunicação, por meio de gestos, mímicas, palavras escritas, faladas ou sinalizadas. Os ouvintes se comunicam através de um código linguístico, uma língua para se comunicar, os problemas

relacionados a falta da linguagem são inúmeros, dificultam a comunicação da criança com a família, com a sociedade e dificulta a aprendizagem na escola.

Os surdos apresentam muita dificuldade no que se refere a escrita da Língua Portuguesa, talvez o erro esteja na metodologia utilizada no ensino dessa língua. Os métodos utilizados impedem que eles percebam a função social e as diferenças entre a Língua majoritária e a língua de sinais. No caso da escrita, os surdos se baseiam em experiências com a língua que já dominam, na maioria a língua de sinais, para construir e desenvolver o português escrito.

De acordo com Guarinello (2007, p. 53):

A escola não tem oferecido condições necessárias para os alunos surdos construírem o conhecimento. Assim, na maioria das instituições especiais, os professores não utilizam uma língua compartilhada com seus alunos, ou seja, não dominam a língua de sinais e acabam utilizando uma forma de comunicação bimodal para ensinar, usando a fala e alguns sinais concomitantemente.

Essas atitudes dos professores acabam confundindo os alunos, pois eles não sabem se olham para as mãos ou se fazem a leitura labial. Se olharem somente para os lábios irão entender parte da mensagem e se olharem para as mãos não entenderão todo o contexto. As escolas regulares ainda não estão preparadas para receber esses alunos, primeiramente porque a língua de sinais não é compartilhada pelos alunos da sala de aula e um ambiente lingüístico comum colaboraria muito para impedir que os surdos no futuro se tornem iletrados.

De acordo com Guarinello (2006), os surdos tem dificuldade para ler e interpretar os textos e possuem pouco conhecimento dos recursos da Língua Portuguesa, são muito limitados no domínio da estrutura e na compreensão dos elementos gramaticais, não entendem o processo de formação das palavras, utilizam os verbos de forma inadequada em suas conjugações, tempos e modos, uso impróprio de preposições, não usam conectivos e verbos de ligação, trocam o verbo “ser” por “estar”, praticamente desconhecem as estruturas de coordenação e subordinação. É fundamental que o surdo tenha pleno domínio da Língua de Sinais e tenha acesso a ela, porque assim a aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua será mais fácil.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo aluno surdo é essencial que ele aprenda a estrutura gramatical da Língua Portuguesa, pois vivemos em um mundo completamente informatizado em que o acesso aos bens e serviços da era digitalizada está a venda nas

fachadas de shoppings, farmácias e supermercados, tudo o que precisamos está escrito. A leitura e a escrita são importantes e fundamentais para toda a sociedade e o surdo como parte da sociedade necessita ter domínio da Língua Portuguesa para conseguir conviver em sociedade e realizar atividades simples do cotidiano. A escola então exerce um papel na colaboração e no auxílio da cidadania e dos direitos básicos a vida.

Ao concluir o ensino médio, depois de anos de escolarização espera que o surdo tenha um domínio razoável da leitura e da escrita para que possa cursar uma graduação ou um curso técnico. A escola precisa desenvolver essas habilidades, pois apesar da deficiência esses alunos precisam ser inseridos no mercado de trabalho a fim de que possam ser provedores de si mesmos e tenham o direito a dignidade, conquistado através do trabalho.

## **6 CONCLUSÃO**

É muito complexo falar de um tema relativamente novo no contexto escolar, que é a inclusão de alunos surdos, esse tema ainda gera muita polêmica entre os educadores e outros profissionais da sociedade. No decorrer da revisão da literatura da área foi perceptível que a barreira da comunicação é a principal dificuldade no ensino das crianças e adolescentes surdos. Há poucos profissionais que atuam na educação especial, mas especificamente na área da educação de surdos.

Muitos professores apesar de tentar ensinar os alunos surdos não conseguem ou não dominam métodos que realmente funcionem para ensiná-los. Alguns profissionais acreditam que colocando um intérprete de Libras todos os problemas serão solucionados, mas não é tão simples como parece, a presença do intérprete não é suficiente para garantir a inclusão, principalmente porque tem alunos que não utilizam a Libras, são oralizados, então para eles esses profissionais são dispensáveis. É fundamental que haja uma interação entre professor e aluno para que o surdo não se sinta um excluído na sala de aula.

É importante que os professores façam modificações nos conteúdos a fim de que se tornem compreensíveis pelos alunos surdos, a mesma abordagem utilizada para ensinar os alunos ouvintes não funciona para ensinar os alunos surdos. Os professores tem dificuldade quando recebem um aluno surdo, porque a comunicação é difícil. O principal problema de

grande parte dos professores é não dominar a língua natural dos surdos, a Libras, isso minimiza o contato entre ambos.

A Libras veio como uma ferramenta que auxilia na educação e na alfabetização de alunos surdos, é importante ressaltar que os surdos se forem bem estimulados desde a infância poderão no futuro ter as mesmas chances que os ouvintes, tudo é uma questão de utilizar a abordagem correta para minimizar as perdas linguísticas. A Libras diminuiu a distância entre professores e alunos e a comunicação ficou mais acessível, mas é importante que os professores participem de cursos de formação continuada, para aprender essa língua, que é muito importante na comunicação entre surdos e ouvintes.

Mas a inclusão não é somente adaptar os profissionais para que estes consigam se comunicar melhor com os surdos, é importante que haja uma modificação no currículo escolar. Na maioria das vezes o currículo não leva em consideração as particularidades de cada aluno como indivíduo no sistema escolar.

Há uma necessidade imediata de transformação da escola comum, a fim de que essas escolas possam realmente incluir os alunos surdos e transformar a escola em um espaço democrático, que não exclua ninguém independente de sua deficiência ou condição. É importante que a escola reconheça que deve ministrar um ensino bilíngüe para os surdos, dessa forma realmente será uma escola inclusiva que respeita a condição da surdez.

O tema inclusão é relativamente novo dentro do contexto escolar, mas é necessário que haja as devidas modificações nas metodologias para minimizar o déficit linguístico enfrentado pelos os alunos surdos. Ao final da escolarização eles precisam seguir preparados para o mercado de trabalho e fazer parte da comunidade como verdadeiros cidadãos que muitas vezes tem seus direitos básicos negados.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Disponível em: [www.mec.gov.br/seesp/legislação.shtm](http://www.mec.gov.br/seesp/legislação.shtm)  
Acesso em: 10 de out. 2014.

FILIETAZ, Marta R. Proença. Atuação do tradutor Intérprete de Língua de Sinais/ Língua Portuguesa no IES. Texto base referente à palestra apresentada na Mesa 03: “Decreto 5.626/05: Diretrizes Político-Pedagógicas para o Ensino Superior”, em I SIES: Trajetória do Estudante Surdo, em 26 e 27 de maio de 2008 / Londrina – PR.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

GUARINELLO, A. C. et al. A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v.12, n. 3, Marília, 2006.

JANNUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: autores associados, 2004.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico. **Revista Brasileira de educação especial**. v.13. n. 2, Marília, 2007.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed: 2008.

SKLIAR, C. (org.). **Educação e Exclusão: Abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1997.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

## **AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA**

Nome Clarice Karen de Jesus  
Rua Roberto Pereira da Cunha 253  
79679-000, Brasilândia-MS, Brasil  
[clakaren@hotmail.com](mailto:clakaren@hotmail.com)